

Congreso Iberoamericano de Educación

METAS 2021

Un congreso para que pensemos entre todos la educación que queremos
Buenos Aires, República Argentina. 13, 14 y 15 de septiembre de 2010

EDUCACIÓN PARA LA CIUDADANÍA

Bullying escolar e sua dominação no contexto familiar

Raduenz, Edson ¹

Stival, Maria Cristina Elias Esper²

¹ Pontifícia Universidade Católica do Paraná
edsonrad@terra.com.br

² – Universidade Tuiuti do Paraná e Pontifícia Universidade Católica do Paraná
maria.stival@utp.br

RESUMO

Subtema: Escola, Família e Comunidade

O artigo trata da questão do *bullying* escolar nas escolas públicas pesquisadas e situadas no município de Curitiba- Brasil. Para entender, o fenômeno que perpassa na dinâmica escolar, percebe-se que agressividade/*bullying* na literatura brasileira, refere-se aos comportamentos agressivos de intimidação que os estudantes vivenciam no período da escolarização. Este trabalho acadêmico pertence ao grupo de pesquisadores do O Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) – Mestrado e Doutorado da Pontifícia Universidade Católica do Paraná tem como objetivo investigar, a partir da pesquisa realizada no 1º e 2º semestres do ano de 2009, totalizando 302 estudantes das 5ª e 6ª séries do ensino fundamental. Os dados mostram que os estudantes não reconhecem a existência na sua rotina escolar do que comumente é entendido, pela produção acadêmica, como *bullying*. Para subsidiar a compreensão do processo educativo utilizou-se referencial teórico Bourdieu, para analisar as condições de produção dois bens culturais e simbólicos apontados nos questionários aplicados. Tal análise possibilitou a junção das questões referentes ao capital cultural e suas implicações no contexto familiar. Entre os resultados, encontrou-se que a prática de *bullying* é evidenciada principalmente através de apelidos pejorativos, intimidações, agressões físicas e verbais. Ainda se pretende revelar que, a escola, em muitos casos, dentro da sua dinâmica produz a sua própria violência, sendo que esta acontece de forma naturalizada, invisível e simbólica. Constituída principalmente pelo desrespeito, ameaças e agressões verbais, essa categoria de violência tem provocado o exacerbamento dos conflitos próprios da relação professor/educando, dificulta o processo ensino-aprendizagem, provocando até sérios transtornos, responsáveis por índices de repetência, evasão escolar e pode propiciar o desenvolvimento de outros tipos de violência.

Palavras-chave: Bullying, escola, família e capital cultural.

1.INTRODUÇÃO

O momento histórico apresenta e impõe novas formas de redefinir as práticas pedagógicas e concepções de escola pública brasileira. Atualmente, existe um clima pedagógico e cultural que determina situações cotidianas no contexto escolar e vem se consolidando nas situações de “naturalização” por todos os envolvidos(estudantes, familiares e profissionais da educação) nesta dinâmica.

Os problemas educacionais da sociedade contemporânea, pelo modo como interferem em todas as dimensões fundamentais da vida humana, exigem particularmente dos profissionais da educação uma abordagem metodológica que contemple instrumentos do saber elaborado (Saviani, 1995), que elucide uma postura crítica e interveniente e converta as responsabilidades do presente, num modo de olhar e programar o futuro, a partir de uma compreensão do mundo globalizado (Ianni, 1995), (Sousa, 2001), com todos os seus encantos e desencantos, crises e violências, na compreensão das contradições existentes na sociedade.

A instituição escolar vivencia situações corriqueiras no interior das práticas, convivendo com a exclusão social, a desigualdade, o desemprego e a violência, fatores que interferem diretamente em seu cotidiano. Ao mesmo tempo, a escola vive uma crise decorrente do aumento de matrículas, a chamada “massificação” do ensino para classe popular.

Este fenômeno do intenso acesso à escolarização e suas conseqüências não se restringem ao Brasil. No entanto, aqui ganham contornos particulares devido às enormes desigualdades econômicas e sociais. A escola reflete a sociedade e os fenômenos exteriores e que interferem diretamente em seu cotidiano, mas reproduz um modelo de familiar destinada para fracasso escolar.

2.ASPECTOS EVIDENCIADOS DE VIOLÊNCIA NO ÂMBITO FAMILIAR

Compreende-se que a prática do fenômeno bullying, quanto da violência escolar tem profundas raízes na injusta e excludente sociedade em que vivemos. Logo se alimenta de situações familiares marcadas pela desestruturação e pela violência

social e pode se fortalecer ou ser reproduzida no interior de cada escola por seus costumes e padrões de ensino, destinados para conservação social.

Dessa forma, tanto a violência física como a violência simbólica, encontradas no ambiente escolar, são fenômenos bastante preocupantes. Ressalte-se que, apesar das situações vivenciadas nas escolas públicas, tem surgido tentativas do colegiado escolar juntamente com a comunidade escolar, a construção de estratégias que viabilizem as pesquisas mostram que a violência é construída e, logo, pode ser desconstruída por meio de estratégias que protejam as escolas transformando as “escolas de risco” em “escolas seguras”.

Para mapear o bullying nas escolas em suas diversas expressões exige, por certo, o entendimento de quando e como essas ações são realizadas. Torna-se necessário conhecer como os integrantes se articulam o que pensam, como vivem e quais as suas expectativas, além do universo de representações em torno do fenômeno. Respostas a essas questões são obtidas, por meio de diagnósticos da realidade, são fundamentais para a formulação de políticas públicas que promovam uma melhor convivência escolar e mecanismos institucionais para se lidar com o problema cotidiano das escolas.

No sentido de compreender, a dinâmica do trabalho pedagógico na escola pública, das constatações de variadas ações caracterizadas como violentas nas escolas públicas do Paraná. Um aspecto relevante para exemplificar seria a contradição entre as condições necessárias para o trabalho educativo e a presença da polícia, convocada para solucionar o problema da violência no interior da instituição escolar. Em pesquisa realizada (Stival, 2007) demonstra que as condições em que os professores da rede estadual de ensino do Paraná- Brasil, vêm realizando seu trabalho nas últimas décadas são desfavoráveis e que existe a despreocupação e a ausência de um debate amplo e aberto acerca das questões educacionais, num quadro mais amplo de discussão da sociedade brasileira

Mediante aos problemas corriqueiros observados nas escolas são entendidos como violentos refere-se a indisciplina, ausência da família e bebidas alcoólicas. Neste sentido, percebe-se um retrato do distanciamento da família em relação ao processo educacional. Fica evidente a situação na pesquisa realizada pela Organização das

Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO)³ em Curitiba, em 1999, ao mencionar a relação família e escola.

A questão da desestruturação familiar é explicada pelos professores a partir da contraposição do modelo de vida da cidade grande (como Curitiba) em relação ao das cidades do interior. Nas cidades pequenas eventualmente as mães não trabalham fora, podendo dispor de mais tempo com os filhos, além do fato de que nas pequenas cidades ainda é possível a existência de laços familiares mais sólidos e próximos, criando assim uma rede de solidariedade e de sociabilidade mais rica e menos dispersa e fragmentada. Para os professores, os jovens hoje em dia ficam totalmente “soltos”, cabendo, deste modo, à escola desempenhar funções que antes eram realizadas no interior das famílias. (SALLAS, 1999, p. 208)

A estrutura familiar deve-se em grande medida à migração acelerada do campo para a cidade sem condições de integrar-se ao trabalho industrial e à vida urbana, essas famílias instalam-se como podem nas periferias. Suas dificuldades se expressam na desintegração familiar e esta se reflete na não integração do estudante ao sistema escolar.

Nesse contexto, o bullying que ocorre entre indivíduos em qualquer das instâncias sociais traz implícito o pressuposto das relações fundamentais produzidas. Para compreender o campo educacional é preciso aprofundamento teórico sobre o capital cultural e suas implicações na vida prática dos estudantes da educação básica na educação brasileira.

2.2.CAPITAL CULTURAL PERSPECTIVA DE PIERRE BOURDIEU.

A escola, por sua vez, ignora diferenças sócio-culturais, selecionando e privilegiando em sua teoria e prática as manifestações e os valores culturais das classes dominantes. Com essa atitude, a escola brasileira favorece aquelas crianças e jovens que já dominam este aparato cultural. Desta forma a escola, para este sujeito, é considerada uma continuidade da família e da sua prática social, enquanto os filhos das classes trabalhadoras precisam assimilar a concepção de mundo dominante.

Os autores Bourdieu e Passeron desenvolveram a “teoria da reprodução”

³ A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) fundou-se a de 16 de novembro de 1945 com o objectivo de contribuir para a paz e segurança no mundo mediante a educação, a ciência, a cultura e as comunicações.

baseada no conceito de violência simbólica. Para estes autores, toda ação pedagógica é objetivamente uma violência simbólica enquanto imposição de um poder arbitrário. A arbitrariedade constitui-se na apresentação da cultura dominante como cultura geral. O “poder arbitrário” é baseado na divisão da sociedade em classes. A ação pedagógica tende à reprodução cultural e social simultaneamente.

Para os filhos das classes popular, a escola representa uma ruptura no que refere aos valores e saberes de sua prática, que são desprezados, ignorados e desconstruídos na sua inserção cultural, ou seja, necessitam aprender novos encaminhamentos e culturas. Dentro dessa lógica, é evidente que para os estudantes filhos das classes dominantes alcançar o sucesso escolar torna-se bem mais fácil do que para aqueles que têm que desaprender uma cultura para aprender um novo jeito de pensar, falar, movimentar-se, enfim, enxergar o mundo, inserir neste processo para se tornar um sujeito ativo nesta sociedade.

No contexto das instituições de ensino, também se apresenta a dificuldade em definir violência escolar. Por um lado, segundo Bourdieu e Passeron (1975), existe uma violência inerente e inevitável, a violência da educação, já que, para eles, toda ação pedagógica é uma forma de violência simbólica, pois reproduz a cultura dominante, suas significações e convenções, impondo um modelo de socialização que favorece a reprodução da estrutura das relações de poder.

A definição de Bourdieu sobre a situação de “violência simbólica”, ou seja, o desprezo da cultura popular e a interiorização da expressão cultural de um grupo mais poderoso economicamente ou politicamente por outro lado dominado, faz com esses percam sua identidade pessoal e suas referências, tornando-se assim fracos, inseguros e mais sujeitos à dominação que sofrem na própria sociedade.

O caráter simbólico da violência centra-se nas características fundamentais da estrutura de classes da sociedade capitalista, decorrente da divisão social do trabalho, baseada na apropriação diferencial dos meios de produção. O autor analisa que o processo educacional apresenta dois mecanismos destinados à consolidação da sociedade capitalista: a reprodução da cultura e a reprodução da estruturas de classes. O primeiro dos mecanismos se manifesta no mundo das “representações simbólicas ou ideologia”, e o outro atua na própria realidade social.

O sociólogo brasileiro Sérgio Miceli autor da seleção e organização do material de Bourdieu no livro: *A economia das trocas simbólicas*, em sua introdução crítica e encaminha diversos aspectos da obra do autor:

Para Bourdieu, a organização do mundo e a fixação de um consenso a seu respeito constitui uma função lógica necessária que permite à cultura dominante numa dada formação social cumprir sua função político-ideológica de legitimar e sancionar um determinado regime de dominação. (MICELI, 2001, p.XVI)

Entretanto, estão intimamente interligadas, uma vez que no sistema educacional a dominação e a reprodução das relações sociais são evidentes. Para que essa reprodução esteja totalmente assegurada, não basta que sejam reproduzidas apenas as relações fatuais de trabalho e relações de classe que os homens estabelecem entre si, precisam também ser reproduzidas as representações simbólicas, ou seja, as idéias que os homens fazem dessas relações. Sendo assim, Bourdieu menciona a reprodução cultural e a reprodução social:

(...) o sistema escolar cumpre uma função de legitimação cada vez mais necessária à perpetuação da "ordem social" uma vez que a evolução das relações de força entre as classes tende a excluir de modo mais completo a imposição de uma hierarquia fundada na afirmação bruta e brutal das relações de força. (BOURDIEU, 2001, p.311).

A consolidação da violência simbólica permite que a escola não exerça necessariamente a violência física, mas sim a violência mediante forças simbólicas, ou seja, pela doutrinação e dominação, que força as pessoas a pensarem e a agirem de tal forma que não percebem que legitimam com isso a ordem vigente.

Desse modo, o sistema educacional consegue reproduzir por meio de uma violência simbólica as relações de dominação, ou seja, a estrutura de classes, reproduzindo de maneira diferenciada a ideologia da classe dominante. Assim, Bourdieu considera o processo educativo uma ação coercitiva, definindo a ação pedagógica como um ato de violência, de força. Neste ato são impostos aos educandos sistemas de pensamento diferenciais que criam nos mesmos *hábitos diferenciais*, ou seja, predisposições para agirem segundo um certo código de normas e valores que os caracteriza como pertencentes a um certo grupo ou uma classe.

Bourdieu (1975) afirma que o *habitus* consiste em um sistema de disposições duradouras e transferíveis, estruturadas e predispostas a funcionar como estruturantes, ou seja, como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem estar objetivamente adaptadas ao seu fim, sem supor a busca consciente de fins e o domínio expresso das operações necessárias para

alcançá-los objetivamente 'reguladas' e 'regulares', sem ser o produto da obediência a regras e, ao mesmo tempo, coletivamente orquestradas sem ser produto da ação organizada de um diretor de orquestra.

Dessa maneira, para Bourdieu, o sistema educacional não reproduz estritamente a configuração de classes, como fazia o anterior, mas consegue, impondo o *habitus* da classe dominante, cooptar membros isolados das classes. Esses membros, tendo familiarizado os esquemas e rituais da classe dominante, defendem e impõem de maneira mais radical à classe dominada os sistemas de pensamentos que a fazem aceitar sua sujeição à dominação. Assim, na obra: *A Economia das trocas simbólicas* a questão do *habitus cultivado* aponta:

Enquanto força formadora de hábitos, a escola propicia aos que se encontram direta ou indiretamente submetidos à sua influência, não tanto esquemas de pensamento particulares e particularizados, mas uma disposição geral geradora de esquemas particulares capazes de serem aplicados em campos diferentes do pensamento e da ação aos quais pode-se dar o nome de *habitus cultivado*. (BOURDIEU, 2001, p.211)

Bourdieu assinala ainda que, além de promover aqueles que segundo seus padrões e mecanismos de seleção demonstram-se aptos a participarem dos privilégios e do uso do poder, o sistema educacional cria, sob uma aparência de neutralidade, os sistemas de pensamento que legitimam a exclusão dos não privilegiados, convencendo-os a se submeterem à dominação, sem que percebam o que fazem. De modo geral a exclusão é imputada à falta de habilidades e capacidades, ao mau desempenho e outros. Dessa forma, a escola cumpre, simultaneamente, sua função de reprodução cultural e social, qual seja, a de reproduzir as relações sociais de produção da sociedade capitalista.

Neste sentido, principalmente a escola pública brasileira, justamente por atender a população trabalhadora, que depende da sua contribuição, exerce de forma mais concreta a violência simbólica. Bourdieu, nos *Escritos de educação*, relata sua experiência com alunos dos liceus com uma classificação de excluídos do interior do processo educacional, referindo-se a um "mal-estar dos subúrbios", resultado do aflorar das contradições sociais:

(...) no funcionamento de uma instituição escolar que, sem dúvida, nunca exerceu um papel tão importante e para uma parcela tão importante da sociedade como hoje, essa contradição tem a ver com uma ordem social que tende cada vez mais a dar tudo a todo mundo,

especialmente em matéria de consumo de bens materiais ou simbólicas, ou mesmo políticas, mas sob as espécies fictícias da aparência do simulacro ou da imitação, como se fosse esse o único meio de reserva para uns a posse real e legítima desses bens exclusivos. (BOURDIEU, 2004, p.225)

Ao reconhecer que as contradições sociais desempenham essa função, Bourdieu abre a possibilidade de uma crítica das mesmas contradições se o ponto de referência for a escola brasileira, pode-se criticar realmente a escola pública brasileira existente, mas tem-se excelentes motivos para dedicar o melhor dos esforços e convertê-la numa causa ampla e democrática a serviço da educação.

Reconhecer, portanto, que é a partir da escola que está aí, em vez de descartá-la como verdadeiro espelho embaçado do projeto hegemônico das classes dominantes, é que se pretende vincular e acreditar na idéia do alicerce de uma boa escola – uma escola de qualidade, democrática, universal, pública e gratuita, ou seja, uma escola pública brasileira que acredita na transformação social.

3.METODOLOGIA UTILIZADA NA PESQUISA DE CAMPO.

A pesquisa realizada é parte de um projeto interdisciplinar e interinstitucional, intitulado “*Políticas Públicas: a Gestão do Bullying nas escolas de Educação Básica e a Formação de Professores*”, inscrito no Diretório de Grupos de Pesquisado Brasil do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), cujo objetivo é analisar a gestão do *bullying* nas escolas de educação básica e a partir de diagnósticos fundamentados e abalizados elaborar de propostas de intervenção.

Os elementos desse diagnóstico, em linhas gerais, a identificação da prevalência do *bullying* existente no ambiente escolar expresso nas relações entre pares; o inventário e diagnóstico das formas e espaços em que se manifesta o *bullying* na escola, a verificação de quais os procedimentos adotados pela escola em situações de comportamento de agressividade; e finalmente, o fornecimento de subsídios à comunidade escolar que sirva de base para a elaboração de propostas de intervenção.

Dentre os diferentes assuntos abordados, discutiu-se a questão do *Bullying*, tendo como universo de estudo o próprio ambiente escolar e seus sujeitos (estudantes pais e professores). Primeiramente, os estudantes pesquisaram a definição do termo *Bullying*, sua contextualização tanto em nível nacional quanto internacional. Foram

discutidos depoimentos, filmes e reportagens sobre tema, selecionados por meio de pesquisas realizadas pelos próprios estudantes no laboratório de informática.

A discussão possibilitou relacionar os conhecimentos adquiridos por meio da pesquisa à realidade escolar. Neste primeiro momento, foi possível identificar e refletir sobre alguns casos existentes na escola e também motivar uma discussão sobre a necessidade de pensar em estratégias de enfrentamento a este problema. Nesse sentido, os próprios estudantes selecionaram imagens que serviram de suporte para uma palestra que foi apresentada às diferentes classes, buscando esclarecer o conceito e explicar as conseqüências que essa violência pode trazer para a vítima, o agressor e também para todo o ambiente escolar.

Para a aplicação da pesquisa os pesquisadores escolheram escolas públicas da cidade de Curitiba/Paraná/Brasil localizadas em bairros em que a violência se apresenta de forma preocupante. Os questionários foram aplicados somente aos estudantes que possuíam o termo de consentimento livre e esclarecido devidamente assinado pelos pais e/ou responsáveis, atingindo um total de trezentos e dois estudantes matriculados na 5ª e 6ª séries do ensino fundamental.

3.1 RESULTADOS PRELIMINARES .

A sociedade contemporânea necessita de sujeito com a formação integral associada ao “homem integral” com as características necessárias para interagir no meio que está inserido. São fundamentais nas relações humanas e sociais os aspectos inerentes ao afeto, o sentir, o pensar e o aprender.

Tais relações estão interligadas ao processo de aprendizagem de cada sujeito, nos diferentes espaços sociais que convive, e suas emoções e sentimentos são elementos necessários para formação plena e digna.

Durante a realização da pesquisa foi possível observar o espaço escolar, afim de obter as primeiras impressões, ao caminhar pela escola e nas conversas com estudantes e funcionários, bem como na aplicação dos questionários em sala de aula.

Para ilustrar abaixo, os quadros demonstram a relação do bullying com o contexto familiar.

Quadro 1

Escolaridade do pai	Não resposta	Não sei	Não frequentou escola ou é analfabeto	Ensino fundamental incompleto	Ensino fundamental completo	Ensino médio incompleto	Ensino médio completo	Ensino superior incompleto	Ensino superior completo	TOTAL
Falar mal										
Não resposta	0	1	1	0	0	0	0	0	0	2
Nenhuma vez	4	47	7	26	16	9	27	6	7	149
Uma ou duas vezes	2	26	2	23	11	3	18	0	4	89
Três ou quatro vezes	0	4	2	3	3	4	6	0	0	22
Cinco ou mais vezes	2	9	1	9	5	1	9	1	3	40
TOTAL	8	87	13	61	35	17	60	7	14	302

Fonte: dados extraídos da pesquisa.

Quadro 2

Escolaridade mãe	Não resposta	Não sei	Não frequentou escola ou é analfabeto	Ensino fundamental incompleto	Ensino fundamental completo	Ensino médio incompleto	Ensino médio completo	Ensino superior incompleto	Ensino superior completo	TOTAL
Falar mal										
Não resposta	0	2	0	0	0	0	0	0	0	2
Nenhuma vez	2	16	1	39	20	17	36	11	7	149
Uma ou duas vezes	0	10	2	22	14	9	23	5	4	89
Três ou quatro vezes	0	4	0	6	3	2	4	1	2	22
Cinco ou mais vezes	0	6	0	11	3	5	8	6	1	40
TOTAL	2	38	3	78	40	33	71	23	14	302

Fonte: dados extraídos da pesquisa.

Nos quadros 1 e 2 o questionário propõe fazer o levantamento da escolarização os pais juntamente com o bloco de questões relacionadas as vezes que o estudantes fez mal a outros colegas na escola nos últimos três meses de aula. Percebe-se que os estudantes desconhecem a realidade de estudos dos pais, ao passo determinam ações para prejudicar os colegas. Logo o quadro 2 demonstram que estão mais próximos da relação com mãe, em virtude de situar sua escolarização nos dados apresentados. Assim, o cruzamento dos dados possibilitou análise aprofundada sobre o contexto familiar.

Com relação ao quadro 3 os estudantes tiveram dificuldade em contar a quantidade de reprovações ocorridas na escola.

Quadro 3

Você já foi reprovado(a)? Quantas vezes¹	Não res posta	Não	Sim.	TOTAL
Não resposta	1	0	0	1
Nenhuma	1	128	44	173
Uma ou duas vezes	0	60	25	85
Três ou quatro vezes	0	11	7	18
Cinco ou mais vezes.	0	14	11	25
TOTAL	2	213	87	302

Fonte: dados extraídos da pesquisa.

Neste sentido, as reprovações são encaradas diante do fracasso escolar, tendo um número significativo de estudantes que já vivenciam as ditas reprovações. Para Bourdieu, *o acesso as obras culturais permance como privilégio das classes cultivada*(2004, p.59). Neste sentido, os estudantes acreditam que a reprovação passa a ser um processo natural na sua trajetória de vida e pelas condições de permancer o fracasso da sua família.

4.CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A discussão acerca do *bullying* no Brasil invade o espaço nas escolas, diante da demanda de intervenção e nas universidades. A quem cabe a pesquisa que possa fazer a interlocução com a sociedade, subsidiar encaminhamentos de políticas públicas? Nota-se que na aplicação dos questionários que os estudantes ficavam pensativos e que algumas perguntas criavam certa expectativa ao ser respondida. Quando a referência utilizada para a resposta era o âmbito familiar, os estudantes

demonstravam o distanciamento que tem da companhia dos pais, bem como o convívio familiar.

Alguns comentavam que não conheciam o pai - o que nos chamou maior atenção foi à quantidade de estudantes que relataram que seu pai havia morrido ou que simplesmente não o conheciam. Outros diziam que moravam com avós e que raramente conviviam com seus pais. O capital cultural adquirido pelos estudantes parte do princípio da existência de conflitos em suas famílias ou de fatos marcantes acontecidos em algum momento e que foi inculcado por meios e processos de formação conflitante repetindo-se diariamente esses fatos ou lembranças os acompanham tornando assim, a violência parte do seu dia a dia reforçando sua conduta relacionada ao fenômeno *bullying*.

A violência escolar torna-se preocupante e as estratégias criadas para torna a escola mais protetora ganha espaço no planejamento de professores e gestores, com a proposta de transformar esse ambiente de convívio diário o mais sadio para alunos, professores e demais funcionários da escola. Mapear os acontecimentos de violência física ou simbólica requer empenho de pesquisas e das políticas públicas de ensino para construir modelos de atuação e conduta dentro e como constatadas na pesquisa, fora do espaço escolar.

Observando os momentos da intervenção dos pesquisadores na escola, percebe-se a naturalidade dos estudantes em assumir os atos violentos praticados no âmbito escolar, o que nos levou a pensar com mais empenho na atuação dos professores que presenciam diariamente os conflitos dentro e fora da sala de aula. Com a proposta de ampliar as estratégias para reproduzir as relações sociais e culturais em contribuição ao sistema educativo e entendendo as necessidades de ações que contribuam para a diminuição do *bullying* na perspectiva de reproduzir métodos de participar da reprodução da estrutura numa distribuição das relações capitalistas entre as classes, a escola vem com papel importante na mediação entre seus estudantes e no convívio familiar.

De modo geral a exclusão é imputada à falta de habilidades e capacidades, ao mau desempenho e outros. Dessa forma, a escola cumpre, simultaneamente, sua função de reprodução cultural e social, qual seja, a de reproduzir as relações sociais de produção da sociedade capitalista. O estudo aponta a necessidade de uma análise que norteie as ações educativas no interior das escolas, na tentativa de superar tal realidade.

Dessa forma, o capital social de cada estudante entra na escola e compõe vários modos de conduta individual que deve ser equilibrada com o convívio coletivo. Durante a pesquisa percebe-se que muitos questionamentos surgiriam no caminho percorrido pelos estudos feitos pelos pesquisadores. As dificuldades no acesso à sala de aula, o interesse dos estudantes e professores em participar, direta ou indiretamente da pesquisa traz a necessidade de novos estudos relacionados ao *bullying* para aproximar ainda mais o objeto de estudo da realidade existente nas escolas e contribuir para políticas públicas na educação brasileira em diminuir a incidência desse tipo de violência entre pares em foco, na busca de uma educação voltada para formação humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, P; PASSERON, J. C. **A reprodução. Elementos para uma teoria do sistema de ensino.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

_____. **A economia das trocas simbólicas.** 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

_____. **O poder simbólico.** Tradução Fernando Tomaz, 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A Escola conservadora:** as desigualdades frente à escola e à cultura. *In:* NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (orgs). Escritos de educação. Petrópolis, Vozes, 2004.

IANNI, O . Teorias da Globalização. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

MICELI, Sergio. **Introdução: a força do sentido.** *In:* BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1982.

SALLAS, Ana Luisa (coord). **Os jovens de Curitiba:** esperanças e desencantos, juventude, violências e cidadania. Brasília: Unesco, 1999.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica:** primeiras aproximações. 9.ed. Campinas:Autores Associados, 1955. .

SOUSA. B. S. “Os processos de globalização” *In:* SOUSA SANTOS. B. S. **Globalização:** fatalidade ou utopia. Porto/Portugal: Ed. Afrontamento, 2001.

STIVAL, M.C. E .**Políticas Públicas do Estado do Paraná**: a violência nas escolas públicas e a ação da Patrulha escolar comunitária. Curitiba: UTP, 20